

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
- PLAGEDER**

JOANA DENISE SIDEGUM

**SAÍDA DO JOVEM DA ATIVIDADE AGRÍCOLA E OS REFLEXOS DESTE
ACONTECIMENTO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE PICADA CAFÉ**

Picada Café

2011

JOANA DENISE SIDEGUM

**SAÍDA DO JOVEM DA ATIVIDADE AGRÍCOLA E OS REFLEXOS DESTE
ACONTECIMENTO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE PICADA CAFÉ**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

Picada Café

2011

JOANA DENISE SIDEGUM

**SAÍDA DO JOVEM DA ATIVIDADE AGRÍCOLA E OS REFLEXOS DESTES
ACONTECIMENTO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE PICADA CAFÉ**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Picada Café, 26 de agosto de 2011.

Prof. Dr. Karl Martin Monsma (Orientador)

UFRGS

Prof. Dr. Glauco Schutz

UFRGS

Prof.^a Ma. Daniela Garcez Wives

UFRGS

Agradecimentos

Ao pensar o final desta pesquisa e os estudos destinados ao trabalho de conclusão ao curso de Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural, remete-me também às pessoas especiais que me ajudaram a trilhar este percurso vitorioso e que foram imprescindíveis para que os meus objetivos fossem alcançados com sucesso.

Em primeiro lugar, preciso agradecer a Deus, pelo dom da vida e por iluminar e abençoar o meu caminho todos os dias.

Ao meu namorado Fábio, um agradecimento especial, pelo seu amor e por participar com muita paciência e incentivo nesta trajetória de aprendizado.

Ao meu pai Pedro Canísio (in memóriam) que mesmo eu não tendo a oportunidade de conhecê-lo, com certeza esteve sempre ao meu lado em forma de anjo, me guiando e protegendo.

A minha mãe Maria Isolde pelo exemplo de vida e luta. Que sempre me apoiou e incentivou na minha trajetória escolar.

Às minhas irmãs Janice e Simone que me apoiaram e me alegraram nas horas difíceis desta trajetória.

Àos meus irmãos Maurício, Vergílio, Paulo, e Rogério, pela alegria contagiante de viver e ter soluções práticas para todos os problemas.

Ao meu orientador Dr. Karl Monsma e minha tutora Valéria Dornelles por compartilhar comigo todo o seu conhecimento e experiência. Obrigada pela sua disposição, paciência e dedicação.

E a todas as pessoas que contribuíram diretamente para a realização deste trabalho, o meu muito obrigado.

“Não existe desenvolvimento rural sem jovens”

Milton Luiz Silvestro

RESUMO

A presente monografia apresenta os resultados de uma investigação de cunho qualitativo, cujo objetivo foi investigar os motivos pelos quais os jovens saem da atividade agrícola e os reflexos deste acontecimento na agricultura familiar de Picada Café. A coleta de dados deu-se pelo método de entrevistas semi estruturadas. O desejo de realizar esta pesquisa esteve articulado ao compromisso de investigar e problematizar a saída do jovem da atividade agrícola. Nessa perspectiva, o problema de pesquisa ficou assim configurado: Quais os motivos que levam o jovem a sair da atividade agrícola e os reflexos deste contexto na estrutura da agricultura familiar de Picada Café/RS? O aporte teórico pautou-se em autores que abordam o tema da saída do jovem do campo, juventude rural e industrialização, portanto, o referencial teórico está enriquecido com as ideias de alguns autores como: Ricardo Abramovay (2005), Maria José Carneiro (1999), Nilson Weisheimer (2005), Sérgio Schneider (2004) e outros autores mencionados no decorrer do trabalho que denotam a preocupação com a categoria juventude rural bem como o futuro da agricultura familiar. A análise das informações se deu em três níveis: no primeiro nível levantaram-se as questões a serem abordadas na entrevista; no segundo nível foram aplicadas as entrevistas aos jovens e aos seus respectivos pais; e o terceiro nível se refere à análise das informações obtidas. Evidenciou-se que a saída do jovem da atividade agrícola em Picada Café está interligada com os fatores de “expulsão” e aos fatores de “atração”.

Palavras-chave: Jovem Rural. Agricultura Familiar. Industrialização.

ABSTRACT

This monograph shows the results of a qualitative investigation which objective was to investigate the reasons why youngsters evade the agriculture activity and its reflects in the family farming of Picada Café. The collection of information was done through a semi-structured interview method. The desire of doing this research had been articulated to the commitment of investigate and problematize the evasion of the youngsters from the agriculture activity. In this perspective, the research problem was defined, like this: What are the reasons that cause evasion from the agriculture activity and the reflects of this context in the structure of the family farming of Picada Café/RS? The theoretical contribution was based on authors that approached the following themes: youth moving from the farms, rural youth and industrialism, therefore, the theoretical reference is enriched with the ideas of some authors as: Ricardo Abramovay (2005), Maria José Carneiro (1999), Nilson Weisheimer (2005), Sergio Schneider (2004) and other mentioned authors along this work which denote preoccupation with the rural youth category, as well as, the future of the family farming. The analysis of the information was given in three levels: in the first level were raised the questions which were supposed to be approached in the interview; in the second level the youngsters and their parents were interviewed; and the third level is all about the analyses of the taken information. It was proved that the output of the youngsters from the agriculture activity in Picada Café is connected with the factors of “expulsion” and “attraction”.

Key-words: Rural Youngsters. Family Farming. Industrialism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Plantio de acácia-negra	41
Figura 2 - A acácia-negra	42
Figura 3 - Acácia-negra empilhada pronta para vender	43
Figura 4 - A acácia-negra chegando à indústria calçadista	44
Figura 5 - Utilização da lenha de acácia na indústria calçadista	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos jovens / Picada Café, abril de 2011.....	27
Quadro 2 - Identificação dos pais / Picada Café, abril de 2011.....	28
Quadro 3 - Idade em que ocorreu a saída do jovem da atividade agrícola / Picada Café, abril de 2011	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

I.B.G.E. - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

S.E.M.A. - Secretaria Estadual do Meio Ambiente

D.E.F.A.P. - Departamento Florestal de Áreas Protegidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA E SUA JUSTIFICATIVA	12
1.2 OBJETIVO GERAL DESTA PESQUISA.....	14
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2 METODOLOGIA.....	16
3 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOMORFOLÓGICOS DE PICADA CAFÉ	18
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
4.1 A AGRICULTURA FAMILIAR	21
4.2 CONCEITO DE JUVENTUDE RURAL.....	23
5 ANÁLISE DOS DADOS	26
5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	27
5.2 OS JOVENS E A ATIVIDADE AGRÍCOLA	28
5.3 VISÕES E VALORIZAÇÕES DO RURAL.....	31
5.4 FUTURO DAS PROPRIEDADES RURAIS.....	37
5.4.1 O Jovem e a Reprodução social da agricultura familiar	37
5.4.2 O abandono da atividade leiteira e a introdução da Acacicultura	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	53
APÊNDICE A	54
APÊNDICE B	56
APÊNDICE C	57

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida e apresentada neste trabalho será referente ao estudo da saída do jovem do meio rural no município de Picada Café situado na Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul.

Neste município até meados da década de 1980 a economia baseava-se na agricultura familiar braçal, na qual famílias inteiras trabalhavam na lavoura. Segundo Schneider (2004) a microrregião a qual Picada Café pertence, a agricultura não passou por grandes transformações tecnológicas como ocorreu em outras regiões do Estado. Nesta microrregião ocorreu uma estagnação no sistema produtivo agrícola e uma substituição de lavouras com vários produtos pelo cultivo de acácia negra devido à crescente absorção da força de trabalho rural para as indústrias de couro e calçados do município e entorno (SCHNEIDER, 2004).

Neste contexto pode-se citar que principalmente os jovens saíram da lavoura para trabalhar nas fábricas emergentes, iniciando o processo de evasão do jovem do meio rural. Desta forma, conforme Wedig (2008) muitos jovens trabalhavam durante o dia e estudavam à noite, sendo assim, o estudo é em geral encarado como a possibilidade de sair do trabalho rural.

Segundo Abramovay (2005), os fatores que podem ser destacados nos estudos realizados sobre a saída dos jovens do campo, é por um lado, as poucas alternativas que restam frente ao modelo de agricultura convencional, que torna o processo de produção agrícola cada vez mais dispendioso para os “pequenos” agricultores e por outro lado a ideologia da estigmatização do modo de vida rural, que é tido como “atrasado” em contraposição ao modelo urbano “moderno”, havendo, portanto, uma valorização social do urbano. Cabe ressaltar que as escolas estão cada vez mais presentes no meio urbano, sendo aquelas do meio rural fechadas, com argumentos diversos como “falta de crianças” (WEDIG, 2008:08). É assim que se observa que ainda pequenas as crianças, filhas de agricultores passam pelo processo de saída do meio rural para a cidade para estudar. Além disso, segundo Wedig (2008) muitos agricultores incentivaram ou incentivam os seus filhos a mudar-se para as cidades, afim de não continuarem o trabalho “pesado” da agricultura. É a partir de uma ideia que foi propagada ideologicamente como a cidade enquanto local de vida mais fácil e que livrará os jovens do dia-a-dia árduo de trabalho na lavoura, é que os pais pretendem este futuro para seus filhos. Conforme Wedig (2008) a partir da busca de empregos urbanos estes

jovens dedicam-se mais aos estudos que as gerações anteriores, também o número de escolas e o acesso propiciado pelo estado permitiu um aumento da escolaridade destes jovens.

Ao compararmos o referencial teórico apontado e a realidade empírica do município de Picada Café verifica-se uma semelhança muito forte dos fatores citados, pois grande parte dos jovens saiu e sai do meio rural pelas poucas alternativas de se continuar produzindo nos métodos de uma agricultura cada vez mais modernizada e que exige altos investimentos. Além disso, no município atualmente existe somente uma escola que está localizada no meio rural e as demais escolas do município situam-se todas em áreas urbanas, o que faz com que as crianças desde cedo sejam obrigadas a sair do meio rural para frequentar as aulas no meio urbano, esse encaminhamento dos filhos e filhas dos agricultores para as escolas urbanas estabelece um êxodo que, como apontou Elisa Guaraná de Castro (2005), já se inicia quando as crianças passam a frequentar a escola, com sua educação voltada totalmente para um olhar urbano.

Atualmente, entretanto, conforme Siqueira (2004), muitos agricultores têm demonstrado interesse na continuidade do estabelecimento que dirigem, esperando que pelo menos um de seus filhos siga como produtor rural no estabelecimento familiar. Esse pressuposto se baseia na ideia dos investimentos e no trabalho acumulado no estabelecimento, que constituem um patrimônio familiar com valor não apenas econômico, mas também simbólico e afetivo.

O estudo do tema “Saída dos jovens rurais das atividades agrícolas” busca entender os motivos e as consequências que este processo tem ocasionado na agricultura familiar de Picada Café, estudo o qual pretende diagnosticar juntamente com os jovens do município as suas razões pelo abandono das atividades agrícolas.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA E SUA JUSTIFICATIVA

Quais os motivos que levam o jovem a sair da atividade agrícola e os reflexos deste contexto na estrutura da agricultura familiar de Picada Café?

Durante o desenvolver do Curso de Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural seguidamente houve o questionamento referente ao desenvolvimento rural da região de

Picada Café. Quando se constatou que uma das dificuldades do espaço rural na contemporaneidade diz respeito a não permanência do jovem na atividade agrícola.

Abramovay (1997), em seu trabalho sobre a valorização do espaço rural, chamou atenção para o fenômeno da “desertificação rural”, ou seja, o esvaziamento do campo, que segundo o autor é hoje, uma das maiores ameaças para o desenvolvimento rural.

De acordo com Wanderley (2007), o compromisso dos jovens com a família é indispensável ao funcionamento e à reprodução da unidade produtiva e se expressa, especialmente, na sua participação no sistema de atividade familiar. Percebe-se, entretanto, que a juventude rural afasta-se cada vez mais das atividades agropecuárias desenvolvidas por seus pais, o que implica na busca de oportunidades de ocupação e renda fora da realidade rural.

O afastamento da juventude rural das atividades agropecuárias no contexto nacional iniciou-se entre os anos de 1960 e 1970. Anos estes que foram marcados pela intensificação das políticas de “modernização da agricultura” brasileira, o que significou a implementação de inovações tecnológicas promovidas através do apoio do Estado. Seu modelo de desenvolvimento apontava para a sociedade urbano/industrial, sendo que o rural passa a ser sinônimo de atrasado (WEDIG, 2008).

No período dos anos de 1960 e 1970 em Picada Café muitos colonos trabalhavam arduamente em suas pequenas propriedades rurais, localizadas em um terreno acidentado e íngreme, rodeado de encostas e morros. Não tinham, pois, como se adaptar ao novo pacote tecnológico e não tinham como aumentar seus índices de produtividade. Diante desta situação, no começo da década de 1980 emergiu uma nova possibilidade de renda e trabalho para estes agricultores, advinda do processo de difusão da industrialização coureiro-calçadista.

Segundo Schneider (1996) a partir da década de 1980 ocorreu um intenso crescimento produtivo e em consequência disso, as indústrias expandiram sua base produtiva. Para realizar sua expansão, as indústrias coureiro-calçadistas ampliaram e diversificaram as formas de recrutamento de sua força de trabalho. A busca por mão-de-obra fez com que a partir do início dos anos oitenta as fábricas de calçados passassem a descentralizar e interiorizar suas unidades produtivas, estabelecendo filiais nas pequenas cidades e localidades distritais situadas nas regiões próximas do Vale dos Sinos, como as microrregiões da Encosta Inferior da Serra, do Vale do Caí e do Vale do Taquari. Este fenômeno aconteceu no

município de Picada Café, na qual as filiais das indústrias de calçados se instalaram principalmente no distrito de Joaneta.

A justificativa para a realização da presente monografia baseia-se na significativa redução da população rural que tem afetado todos os estados brasileiros nas últimas décadas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ((IBGE) (1996) *apud* SIQUEIRA, 2004:12), “em 1960, a população rural compreendia 55,1% do total da população do Rio Grande do Sul (RS), 46,7% em 1970, 32,45% em 1980, 23,4% em 1991, 21,3% em 1996 e 19,0% em 2001”.

De acordo com Brumer, Pandolfo e Coradini (2005), a continuidade da agricultura familiar está associada à disposição dos jovens filhos dos agricultores familiares, em suceder seus pais. Segundo a mesma autora o processo do êxodo de jovens do rural para as cidades é um limitante para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Em relação à presença de jovens no meio rural, pode-se citar as considerações de Sacco Anjos e Caldas (2005), onde os autores afirmam que aquelas localidades onde a concentração populacional é pequena, tendem a estar sujeitas a desertificação social, cultural e econômica. Frente a esta citação, surge a motivação da realização desta pesquisa que objetiva reconhecer os motivos que levam o jovem a abandonar a atividade agrícola.

1.2 OBJETIVO GERAL DESTA PESQUISA

Entender as causas dos jovens abandonarem as atividades agrícolas, mas ainda morarem no meio rural no município de Picada Café e observar as consequências deste fato na agricultura familiar do município.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar as visões que os jovens e os seus pais têm acerca do meio rural.

Compreender as influências que o processo de Industrialização ocasionou á saída dos jovens da atividade agrícola;

Descrever as consequências que o abandono pelos jovens da atividade rural está implicando na agricultura familiar de Picada Café.

2 METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo apresentar os caminhos metodológicos utilizados para desenvolver esta pesquisa.

O instrumento metodológico para desenvolver esta monografia foi a pesquisa qualitativa, utilizando o procedimento da entrevista semi-estruturada. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. Conforme Gerhardt e Silveira (2008), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O procedimento da entrevista semi-estruturada que segundo Boni e Quaresma (2005) combina perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Para a realização das entrevistas foram elaborados dois roteiros de perguntas, os quais se encontram em apêndice desta (Apêndice A e B). O primeiro roteiro foi elaborado para a realização das entrevistas com os jovens e o segundo roteiro elaborado para as entrevistas com os pais dos jovens entrevistados.

O estudo baseou-se na realização de entrevistas com o público jovem entre a faixa etária de 15 a 30 anos que residem no município de Picada Café e tem suas origens no meio rural, ou seja, nasceram e cresceram no meio rural e ainda moram em áreas rurais com seus pais, mas que por razões adversas não trabalham e não auxiliam estes nas atividades agropecuárias. Além disso, entrevistaram-se também os pais destes jovens para identificar as perspectivas daqueles quanto ao futuro de sua propriedade rural.

Os critérios para a escolha dos entrevistados jovens foram o sexo e a idade, sendo que foram entrevistados três moças e três rapazes e seus respectivos pais, totalizando um total de doze indivíduos entrevistados. Os entrevistados residem nas localidades de Jammerthal, Joaneta e Quatro Cantos do município de Picada Café.

As entrevistas foram realizadas através de visitas nas casas dos jovens e seus pais. Sendo que todas as entrevistas foram agendadas previamente através de contato telefônico,

para a verificação da disponibilidade de horário dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas nos meses de março e abril de 2011.

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Em respeito aos aspectos éticos, primeiramente os participantes da pesquisa foram informados da justificativa, os objetivos e os procedimentos que foram utilizados na pesquisa bem como foi assegurado ao participante à garantia do sigilo que assegura a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Para tal, os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido, conforme modelo em branco consta em apêndice (Apêndice C).

Todas as entrevistas foram realizadas em alemão dialeto e anotadas em língua portuguesa. As entrevistas geraram uma grande quantidade de dados que foram primeiramente transcritos em língua portuguesa para depois serem compreendidos e interpretados. Esta organização se deu à medida que os dados foram sendo coletados. Desta forma, procurou-se identificar temas e relações, construindo e gerando novas questões, o que, por sua vez, resultou nas interpretações apresentadas nesta monografia.

Para a elaboração desta monografia utilizou-se também da pesquisa bibliográfica que segundo Fonseca (2002:32 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2008:37):

É feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002:32 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2008:37).

3 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOMORFOLÓGICOS DE PICADA CAFÉ

O local de estudo desta monografia foi o município de Picada Café. Picada Café segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2010 é constituída por 5.182 habitantes com uma área territorial correspondente a 85 Km². Situada na Encosta da Serra Gaúcha às margens do Rio Cadeia.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Picada Café (2003):

O início da ocupação imigratória germânica na localidade de Picada Café remonta ao passado de 1844. Antes dos imigrantes alemães, os nativos Kaigang percorriam a região, pois, os mesmos habitavam os Campos de Cima da Serra no inverno, alimentando-se do pinhão, descendo as planícies da Encosta da Serra no verão, caçando, pescando e cultivando pequenas plantações de milho e mandioca (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003:01).

Administrativamente Picada Café pertenceu primeiramente a São Leopoldo; em 1875 com a criação do município de São Sebastião do Caí, Picada Café pertenceu ao mesmo e em 1954 quando foi criado o município de Nova Petrópolis pertenceu a este. E por fim, Picada Café se emancipou no dia 20 de março de 1992 apresentando limites territoriais com os municípios de Nova Petrópolis, Linha Nova, Presidente Lucena, Morro Reuter e Santa Maria do Herval (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003).

A origem do nome de Picada Café segundo dados da Prefeitura Municipal de Picada Café (2003) oriunda de duas versões que na verdade se complementam.

Nos idos do império Brasileiro de 1800, havia distribuição de sementes variadas aos Colonos Imigrantes por parte do Império, no sentido de que usassem para plantação de subsistências e eventuais experiências, verificando se determinado produto vingava na região. Desta forma, na localidade, ainda hoje denominada Canto do Café 'Kaffe Eck' havia uma pequena plantação de café, provavelmente de sementes recebidas do Império. Os grãos torrados e moídos artesanalmente serviam um ótimo café aos Tropeiros, que após descerem a Serra, tinham em Picada Café o seu local de pouso e parada para saborearem um delicioso café. Portanto, a junção de trilha e parada dos Tropeiros no Canto do Café deu origem à denominação original de 'Picada Café', e, a partir de 1992 com a criação do município ficou definido o nome Picada Café, e em alemão – 'Kaffeeschneis' (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003:02).

Atualmente Picada Café possui uma configuração territorial de dezessete bairros sendo estes: Bela Vista, Colina Verde, Esperança, Floresta, Jammerthal, Jardim da Lagoa,

Joaneta, KafeeEck, Lichtenthal, Linha Quatro Cantos, Linha Quatro Cantos Fundos/Canelinha, Morro Bock, Picada Holanda, Região Central, São Jacó, São João e Serra Verde.

O clima predominante no município é o subtropical, de transição entre o tropical e o temperado, com temperaturas variando de -1°C a 40°C e tendo uma precipitação pluviométrica média anual de 1700 milímetros, variando o número de dias de chuva por ano entre 118 a 140 dias (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003).

O relevo das propriedades do município de Picada Café pode ser visto sob várias formas, com terrenos íngremes e planos, cobertos por uma vegetação diversificada. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Picada Café (2003), os perfis das Encostas revelam as influências estruturais das camadas magmáticas, apresentando superfícies elevadas, correspondentes a um derrame basáltico. O município é marcado por fortes acidentes geográficos. Picada Café localiza-se no Vale do Rio Cadeia (ao longo de 15Km) e é cercado por aproximadamente vinte morros, variando estes em tamanho e altura, sendo o máximo de 650 metros. Diante desta descrição, a maior parte das terras do município é improdutiva, pois está situada em regiões muito íngremes e para respeitar a lei ambiental vigente é preciso que estas sejam preservadas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003). A altitude mínima do município é 50 metros, a altitude média é 450 metros e a máxima é 650 metros. Em algumas áreas de declividade, a vegetação é constituída de espécies arbóreas nativas e exóticas (acácia-negra e eucalipto), e em outras, estas planas, são praticados sistemas de cultivo agrícolas em pequena escala, que por sua vez, se enquadram nos sistemas funcionais da agricultura familiar.

Os solos predominantes no município segundo dados da Prefeitura Municipal de Picada Café (1993) são “o solos litólicos – solos com pedras; solos de várzea – aluvial; e solo vermelho - latosolo” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003:04).

Conforme a mesma fonte, citada anteriormente, a aptidão dos solos do município é restrita, pois somente “10% do solo é para lavouras mecanizáveis; 30% do solo é para lavouras não mecanizáveis; e o restante do solo municipal é para preservação permanente ou para silvicultura” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003:04)

A hidrografia do município “é constituída principalmente pelo Rio Cadeia e o Rio Marcondes. Também encontramos o Arroio Izabela, Arroio Tapera, Arroio Macaquinho, Arroio Jung, Arroio dos Ratos, Arroio Sander, Arroio Terra, Arroio das Pedras e Arroio Fritzen” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ, 2003:04).

A agricultura de Picada Café, nas suas formas de produção, pode ser vista com a fruticultura (a região possui condições edafo-climáticas adequadas para variedades e/ou colheitas precoces), avicultura de integração e de subsistência, suinocultura de integração e de subsistência, bovinocultura de corte e de produção de leite, produção de verduras e legumes (hortifrutigranjeiros), produção de grãos (especialmente milho e feijão), silvicultura (acácia-negra e eucalipto), produção agroecológica (chá, sucos, erva, produtos coloniais).

A agricultura de Picada Café é representada, na maioria dos casos, por agricultores familiares, num contexto de, aproximadamente, 715 propriedades rurais, que por sua vez, se subdividem em diversas formas de área territorial, entre 0,1 a 30 ha. Apenas seis propriedades rurais locais possuem mais do que 30 ha, sendo a maior propriedade vista com 45 ha, na localidade de Jammerthal.

De acordo com os dados IBGE (2010), 623 pessoas residiam no meio rural, sendo que esse valor correspondia a 12,02% da população total. Destas 623 pessoas, 326 eram do sexo masculino (52,38%), e 297 do sexo feminino (47,67%). Esses dados demonstram as características urbanísticas que se desenvolveram no município em torno das mudanças ocorridas nas últimas décadas com a consolidação dos parques industriais na região do entorno.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica desta monografia apresenta a apreensão de conceitos e categorias analíticas mais gerais que constituem o pano de fundo da pesquisa. Primeiramente será apresentada uma discussão referente ao conceito de agricultura familiar e a sua importância no desenvolvimento do país. Discussão esta que vem ganhando força nos últimos anos devido ao debate entre os cientistas sociais sobre o desenvolvimento sustentável, geração de emprego e renda, segurança alimentar e desenvolvimento local.

4.1 A AGRICULTURA FAMILIAR

O conceito de agricultura familiar começou a ganhar visibilidade política e social na década de 1990 devido principalmente a implantação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). O PRONAF “é um programa de políticas públicas específicas para os agricultores familiares iniciado em 1995, pela pressão política dos sindicatos de trabalhadores rurais e demais movimentos sociais ligadas ao campo” (SPANEVERELLO, 2008:34).

Segundo Medeiros (1997 *apud* SIQUEIRA, 2004) o termo “agricultura familiar” começou a ganhar terreno, também, pela necessidade de unificar uma série de novas identidades sociais, que emergiram, através dos movimentos sociais, nos anos 1990. A emergência da agricultura familiar como categoria sindical (através da formação dos sindicatos dos trabalhadores rurais) apareceu intimamente articulada com a idéia de um novo modelo de reivindicação. Temas que eram antes considerados de menor importância, tais como alternativas de comercialização, estímulo à construção de agroindústrias, dimensões ambientais da produção agrícola, educação formal e profissional dos jovens no campo, ganharam espaço no movimento sindical e na esfera governamental.

Para Maria José Carneiro (1999 *apud* SIQUEIRA, 2004:26) existe um consenso entre os analistas sociais sobre o conceito de agricultura familiar: “trata-se de uma unidade de produção onde trabalho, terra e família são intimamente relacionados”. Entretanto, segundo a autora, esta noção acaba por se tornar limitadora tendo em vista englobar em um único

conceito uma grande variedade de agricultores; trata-se de uma noção ampla que inclui um grau de ambigüidade elevado por integrar em um único rótulo grupos sociais bastante heterogêneos e princípios definidores divergentes (CARNEIRO 1999 *apud* SIQUEIRA, 2004).

Abramovay (1997) caracteriza a agricultura familiar e a distingue das formas sociais dominantes em todos os outros grandes setores da economia. Para o autor:

[...] a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional é perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiares) estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1997:03).

Fazendo referência ao trabalho familiar, Abramovay (1997) chama a atenção para as características da família: ela não é simplesmente um “subsistema” dentro do sistema produtivo: ela possui regras, padrões sociais de comportamento, que devem ser observados, estudados para não comprometerem o processo como um todo. A reprodução da unidade reprodutiva é também a reprodução da família agrícola e, se não for pensada assim, não está se falando de agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1997).

Para Lamarche (1993 *apud* SIQUEIRA, 2004:27), a agricultura familiar não é apenas “um elemento da diversidade, mas contém nela mesmo toda uma diversidade”, pois os agricultores familiares estão em maior ou menor intensidade em todas as partes do mundo, constituindo grupos heterogêneos diversos. Inúmeros estudos nas últimas décadas têm demonstrado como, em um mesmo lugar ou em um mesmo modelo de funcionamento, os agricultores familiares diferem profundamente conforme suas condições objetivas de produção .

Wanderley (1999) define a agricultura familiar como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família com produção e trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim definida, essa categoria é necessariamente

genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais.

De acordo com FAO/INCRA (1996 *apud* SIQUEIRA, 2004:27):

[...] embora se tenha abordado vários entendimentos sobre o que significa essa categoria 'agricultura familiar', deve-se ressaltar que, no Brasil, esta discussão só foi intensificada quando o governo elegeu essa forma de produção como protagonista do desenvolvimento rural em suas políticas públicas para a agricultura, baseando-se em análises que atribuem à agricultura familiar condições mais favoráveis de competitividade quando comparada à agricultura patronal no que se refere aos rendimentos físicos obtidos e mesmo à capacidade de empregar mão-de-obra (FAO/INCRA,1996 *apud* SIQUEIRA, 2004:27).

Finalizando a conceituação de agricultura familiar é válido ressaltar a citação de Lamarche (1993 *apud* Siqueira 2004:24):

[...] para compreender a agricultura familiar na atualidade, é preciso levar em conta duas referências fundamentais, que informam seu funcionamento. Por um lado, o que ele chama de modelo original, isto é, o patrimônio sócio-cultural, herdado das gerações precedentes, suas raízes. Por outro lado, o modelo ideal, que expressa os projetos dos agricultores em relação ao seu futuro e orienta suas estratégias de reprodução.(LAMARCHE, 1993 *apud* SIQUEIRA , 2004:24):

4.2 CONCEITO DE JUVENTUDE RURAL

Ao abordar a problemática sobre a juventude rural depara-se com uma diversidade de possibilidades de reflexão sobre o conceito de juventude rural, para o entendimento desta diversidade é preciso mencionar o que alguns autores já escreveram sobre este conceito.

Guigou (1968) que ao pensar o contexto rural francês afirma que o conceito de "jovem" se refere mais que uma fase de transição, e propõe a seguinte tipificação: a existência de jovens rurais-agrícolas, estes seriam aqueles jovens que vivem e trabalham no campo, um segundo grupo na classificação proposta pelo autor são os operários rurais, ou seja, aqueles que trabalham na cidade e residem na vila rural. Para Guigou o critério etário não é suficiente para definir o jovem rural, faz-se necessário pensar a noção de pertencimento, analisar as relações que estes jovens constroem com a sociedade mais ampla, para que assim possamos

entender as continuidades e discontinuidades na formação da noção ser jovem no campo e do campo.

Carneiro (1999) sinaliza que há uma dificuldade em delimitar o que se designa como "juventude rural" - para a mesma esta é uma categoria socialmente construída, que se caracteriza pela transitoriedade. Esta transitoriedade está relacionada as fases do processo de desenvolvimento vital bem como a critérios biológicos e jurídicos (CARNEIRO, 1999). Segundo Durston (1994 *apud* CARNEIRO, 2005) a categoria 'juventude rural' é fluída, imprecisa, variável e extremamente heterogênea.

Neste trabalho a juventude rural será entendida a partir dos estudos de Nilson Weisheimer que aponta as publicações sobre o tema. Em suas pesquisas sobre o conceito de juventude rural Weisheimer (2005) apresenta suas definições a partir de cinco abordagens utilizadas nas definições conceituais sobre a juventude rural: faixa etária; ciclo da vida; geração; cultura ou modo de vida e ainda representação social.

Na abordagem de Faixa Etária, segundo Weisheimer (2005) a concepção do "ser jovem rural" é compreendida a partir do critério idade. Para isso, os autores fundamentaram-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais. Questionando este conceito percebe-se que este se embasa numa compreensão limitada ao parâmetro biológico, não abrangendo as dimensões histórico-culturais do "ser jovem". Conforme Bourdieu (1983 *apud* WEISHEIMER, 2005) "a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre idade social e idade biológica são muito complexas" (BOURDIEU, 1983 *apud* WEISHEIMER, 2005:22).

No Período de Transição ou Ciclo de Vida conforme Weisheimer (2005) a perspectiva da juventude é entendida sobre o ponto de vista de que é um período transitório, de preparação para o mercado de trabalho, tendo seu início com o aparecimento da puberdade. Neste sentido, a juventude acaba sendo pensada a partir do ponto de vista de um período passageiro, transitório, preparatório. Conforme Abramo (1994):

[...] a idéia central é de que a juventude é um estágio no qual acontece a entrada na vida social plena e que, como situação de passagem, compõem uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidade e independência mais amplas do que as das crianças e não tão completas quanto as dos adultos (ABRAMO, 1994:11).

A abordagem geracional mencionada por Weisheimer (2005) apresenta questões relativas à transmissão e à adaptação da herança cultural. Muitas vezes o ritmo das mudanças sociais provoca difusão de novos valores e comportamentos que são facilmente incorporados pela juventude, visto que estas não se encontram completamente enredadas no *status quo* da ordem social. Desse fato resultam dois tipos de conclusões. A primeira enfatiza os potenciais de conflito entre as gerações, entre os jovens e a ordem social estabelecida ou mesmo dos jovens entre eles mesmos. Na segunda, a juventude passa a ser vista a partir de seus potenciais de mudança, enfatizando-se sua capacidade criadora e inventiva.

Na abordagem da Juventude como Cultura ou Modo de Vida, o olhar sobre a juventude enfatiza-se como uma forma de expressão da cultura de massa. Nesse sentido Weisheimer (2005) coloca que a cultura juvenil aparece intimamente ligada à sociedade de consumo. Suas características incluem certo tipo de vestimentas, acessórios, linguagem, gostos musicais e práticas esportivas e de lazer.

Segundo a perspectiva da Representação Social de Weisheimer (2005), o termo juventude refere-se a um conjunto de relações sociais específicas que são determinadas socialmente, ou seja, é a atribuição que se estabelece sobre quem é ou não pertencente a determinado grupo – no caso, de quem é ou não jovem para uma certa cultura/sociedade. Esta abordagem permite entender a constituição de diferentes expressões juvenis, ou seja, percebe a juventude como realidade múltipla, fundada em representações sociais diversas. Entre as diferentes representações acerca do que é a juventude, tem-se aquelas elaboradas pelos próprios jovens.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização da análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas é preciso mencionar que no município de Picada Café o processo de industrialização emergiu em meados da década de 1980 e intensificou-se na década de 1990. Desta forma, a indústria calçadista atraiu os jovens colonos intensificando o problema da saída do jovem do meio rural. Conforme estudos de Schneider (1996):

[...] que menciona que a industrialização é entendida como um processo social que, além de demonstrar sua superioridade econômica sobre as demais formas de trabalho, afeta significativamente uma série de valores e instituições alheias à produção e ao mercado como a tradição, a disciplina, os costumes e a etnia; enfim o modo de vida vigente (SCHNEIDER, 1996:08).

Diante da citação de Schneider (1996) evidencia-se o processo pelo qual os jovens do município de Picada Café passaram e continuam passando. A superioridade econômica da industrialização é um dos fatores determinantes para os jovens entrevistados optarem pelo emprego na indústria ao invés da agricultura. Este processo de abandono da atividade agrícola e ingresso na atividade industrial impacta principalmente na tradição e no costume de uma família ou de uma região. Este impacto já é perceptível no município de Picada Café visto que o município era um grande produtor de leite e atualmente com a perda da força de trabalho dos jovens esta atividade foi substituída principalmente pela acacicultura.

Quanto à problemática da saída do jovem do campo é preciso destacar que segundo Carneiro:

[...] ir para a cidade grande significa para os jovens entrar em contato com a ‘modernidade’, quebrar os laços de dependência e de proteção familiar. Significa construir a sua individualidade, descobrir e realizar seus desejos e projetos como, por exemplo, ter acesso a serviços e bens de consumo inexistentes no campo (basicamente relacionados ao lazer: cinema, shoppings, restaurantes [...], além de carro, aparelhos de som, etc.) (CARNEIRO, 1999:12).

A “modernidade” apontada pela autora Maria José Carneiro, é o anseio do jovem que nasceu e cresceu no meio rural, tendo restrições e privações durante a sua infância e adolescência. Ao tornar-se independente financeiramente através do emprego na indústria o jovem busca realizar as suas vontades, tais como comprar roupas da moda, ir a um

restaurante, adquirir aparelhos eletroeletrônicos como celular, notebook, aparelho de som. Estas vontades muitas vezes não são supridas pelos pais agricultores devido a fatores financeiros e algumas vezes pelo não conhecimento destas tecnologias por parte dos pais.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Inicialmente serão apresentadas algumas características básicas dos entrevistados, tais como idade, escolaridade e profissão. Conforme o Quadro 1 foram entrevistados: um jovem de 18 anos, uma jovem de 24 anos, uma jovem de 25 anos, um jovem de 26 anos, um jovem de 27 anos e uma jovem de 29 anos. Dentro deste contexto, quatro dos entrevistados possuem como formação escolar o Ensino Médio Completo e dois possuem Ensino Superior Incompleto como formação escolar. Dentre os jovens entrevistados apresentam-se quatro indivíduos que trabalham em indústrias calçadistas da região, um eletricista e um jovem que trabalha numa empresa de embutidos.

	Idade	Escolaridade	Profissão/tipo de emprego
Entrevistado 1	18	Ensino Médio	Setor calçadista
Entrevistado 2	24	Ensino Médio	Setor calçadista
Entrevistado 3	25	Superior Incompleto	Fabrica de embutidos
Entrevistado 4	26	Ensino Médio	Setor calçadista
Entrevistado 5	27	Ensino Médio	Eletricista
Entrevistado 6	29	Superior Incompleto	Setor calçadista

Quadro 1 - Identificação dos jovens / Picada Café, abril de 2011
Fonte: Entrevistas realizadas

Conforme Quadro 2, os pais dos jovens entrevistados foram: uma mãe de 44 anos, uma mãe de 51 anos, uma mãe de 58 anos, uma mãe de 64 anos e uma mãe de 65 anos e um pai de 65 anos. A escolaridade dos pais entrevistados está dividida em dois pais que não concluíram o Ensino Fundamental; duas mães que têm Ensino Fundamental Completo; e duas mães que concluíram o Ensino Médio.

	Idade	Escolaridade	Profissão/tipo de emprego
Entrevistado 1	44	Ensino Médio	Agricultora
Entrevistado 2	51	Ensino Médio	Agricultora
Entrevistado 3	58	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultora aposentada
Entrevistado 4	64	Ensino Fundamental Completo	Agricultora aposentada
Entrevistado 5	65	Ensino Fundamental Completo	Agricultora aposentada
Entrevistado 6	65	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor aposentado

Quadro 2 - Identificação dos pais / Picada Café, abril de 2011
Fonte: Entrevistas realizadas

Durante a realização das entrevistas ficou nítida a maior participação das mulheres nas entrevistas, pois em um primeiro contato foram elas quem se prontificaram a participar e responder as perguntas propostas. Todos os pais entrevistados sempre trabalharam como agricultores. Vale ressaltar que dos seis entrevistados quatro indivíduos estão aposentados, mas todos ainda mantêm sua propriedade, tanto para auto-consumo quanto para a venda de alguns produtos tais como feijão, milho, batata e leite.

5.2 OS JOVENS E A ATIVIDADE AGRÍCOLA

Durante a realização das entrevistas com os jovens buscou-se identificar as causas pelas quais os mesmos saíram da atividade agrícola em busca de emprego em outras atividades, principalmente atividades relacionadas com a indústria de calçados.

Quando questionados pelos motivos que os jovens saem da atividade agrícola, as respostas destes foram várias, dentre as quais podem ser citados (i) a falta de capital para a aquisição de máquinas, equipamentos e insumos, (ii) falta de capital para a compra de terra, (iii) o trabalho na agricultura é sofrido, pesado e cansativo. Mas uma resposta foi unânime neste questionamento, os jovens apontam que o maior motivo para sua saída da atividade agrícola é a maior renda e estabilidade em empregos assalariados, nos quais estes têm seu

salário garantido, direito a férias e a décimo terceiro salário, além de ter todos os seus encargos previdenciários garantidos.

Conforme uma jovem entrevistada da localidade de Jammerthal, um dos motivos pelos quais saiu da atividade agrícola está relacionado à remuneração. Antônia prefere o trabalho na indústria calçadista ao da agricultura pois: “[...] a cada quinze dias agente ganha dinheiro. Na agricultura demora até ter dinheiro. Daí dá uma geadada, seca ou granizo e se foi tudo... o serviço na fábrica é certo. E agente ainda tem direito a férias. Isso agente não tem na roça ‘férias’” (A.H., JAMMERTHAL).

Na citação acima fica evidente que a jovem considera a agricultura uma atividade instável com altos e baixos. Na agricultura são muitos os fatores que determinam e influenciam na produtividade, tais como fatores climáticos e pragas. Na indústria calçadista o salário é garantido e, além disso, todos os direitos trabalhistas são respeitados, como o exemplo que Antônia mencionou se referindo ao direito a férias.

Para abordar as influências que o processo de industrialização ocasionou a saída do jovem do campo fundamentará-se nos estudos realizados pelo sociólogo Sérgio Schneider, que aborda a industrialização ocorrida na região do Vale dos Sinos, Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari.

Conforme Schneider (2004) a industrialização do setor coureiro-calçadista é marcado por três fases diferentes. A primeira fase que vai de 1930 a 1970 é a fase de transição definitiva entre o “estágio artesanal para o fabril” (SCHNEIDER, 2004:45). A segunda fase vai de 1970 até o final da década de 1980, esta fase é caracterizada pelo aumento da produtividade. Conforme Schneider (2004):

[...] esse período são introduzidas tecnologias e sistemas produtivos modernos e cresce significativamente a absorção de força de trabalho através da expansão e interiorização das empresas por toda região que denomina-se de Colônia Velha Alemã, onde hoje se situam as microregiões do Vale dos Sinos, da Encosta Inferior da Serra gaúcha, do Vale do Caí e do Vale do Taquari (SCHNEIDER, 2004:45).

A última fase da industrialização coureiro-calçadista é marcada pelo deslocamento das fábricas de calçados para as pequenas localidades rurais, atraindo desta forma a mão-de-obra jovem que estava envolvida na agricultura para as indústrias que começaram a se instalar (SCHNEIDER, 2004).

É a partir desta expansão para as pequenas localidades rurais que inicia-se a problemática da saída do jovem da atividade agrícola. Inseridas nas localidades rurais as fábricas calçadistas absorveram grande parte da mão-de-obra jovem existente. E os jovens buscaram esta nova atividade devido á facilidade de acesso, salário garantido e principalmente, pelo fato de não precisar realizar nenhum investimento, como no caso da agricultura.

Conforme Schneider (2004) as mudanças tecnológicas ocorridas a partir da década de 1970 nos processos de produção de calçados aumentaram a absorção da força de trabalho, o que em pouco tempo levou ao esgotamento do contingente de trabalhadores disponíveis na região do Vale dos Sinos.

Dentre as mudanças tecnológicas mais significativas pode-se destacar conforme Bredemeier (1969 *apud* SCHNEIDER, 2004) a introdução do sistema de trilhos de transporte em substituição aos cavaletes. Esta mudança na indústria calçadista gerou em apenas um dia de funcionamento um aumento de 66% no rendimento. Schneider (2004) relata que a mecanização das indústrias ocorreu devido ao início das exportações de calçados, que ocorreu a partir de 1970. Com o começo das exportações a demanda por calçados femininos padronizados em termos de modelagem e cores, favoreceu a rápida mecanização das indústrias.

A mecanização das indústrias coureiro-calçadistas, porém não era a única solução para aumentar a produção, era preciso também aumentar o número de funcionários. De acordo com Schneider (2004),

[...] além de atrair os filhos dos colonos que residiam próximos aos centros urbanos do Vale dos Sinos e Encosta da Serra e os migrantes vindos da região noroeste do estado nos primórdios dos anos 70, as indústrias calçadistas, a partir de 1980, passaram a buscar também habitantes das áreas rurais próximas às sedes das empresas. No caso dos colonos-operários não se trata de um processo de exôdo rural. Ao contrário, as empresas trazem cotidianamente os trabalhadores para as unidades de trabalho, lhes proporcionam transporte para o seu local de moradia (SCHNEIDER, 1999:74).

Conforme a citação supracitada de Schneider (2004), observa-se que os jovens entrevistados que trabalham na indústria calçadista ainda têm transporte proporcionado pelas empresas. E é graças a este transporte que os jovens têm a possibilidade de continuarem morando no meio rural. Pela facilidade ir e vir, os jovens são estimulados a trabalhar na

indústria calçadista, sendo que o custo mensal para o jovem industriário de deslocamento está em torno de R\$ 15,00.

Além de contar com o transporte os jovens trabalhadores da indústria calçadista, ainda contam com o benefício de alimentação e o sindicalismo assistencialista, neste último aspecto, o funcionário filia-se ao sindicato de trabalhadores da indústria e obtém serviços de odontologia, ginecologia e médico clínico geral.

O emprego na indústria proporciona ao jovem uma renda melhor, o que permite que os jovens tenham uma autonomia. Esta autonomia relaciona-se principalmente aos finais de semana, nos quais os jovens não estão comprometidos em tirar leite, ou fazer pasto. Assim, aos finais de semana os jovens estão livres para realizarem as atividades que bem entenderem e quiserem.

Conforme Schneider (2004), “o modo de vida e o sistema produtivo agrícola foram desarticulados através da absorção crescente da força de trabalho rural pela industrialização difusa do setor coureiro-calçadista” (SCHNEIDER, 2004:87).

Esta desarticulação mencionada por Schneider, na visão dos jovens entrevistados é vista como a oportunidade de “melhorar as condições de vida”, visto que a agricultura familiar da região, segundo os entrevistados, tem retorno monetário insuficiente para atender as novas necessidades de consumo, fazendo com que os jovens forneçam sua mão-de-obra para a indústria.

5.3 VISÕES E VALORIZAÇÕES DO RURAL

Durante a realização da pesquisa com os jovens percebeu-se que todos os entrevistados têm algum conhecimento das práticas agrícolas realizadas nas propriedades da região. Este conhecimento segundo os jovens deve-se ao fato da convivência com a agricultura na infância. Em sua maioria, os jovens ajudavam na produção de leite nas propriedades de seus pais. Ajudavam a fazer pasto, tirar leite, lavar as latas de leite, limpar o resfriador, colher milho, moer pasto, fazer silagem. A atividade leiteira, conforme os jovens, exigia bastante serviço e os filhos auxiliavam seus pais. Quando questionados com qual idade saíram da atividade agrícola três jovens afirmaram que saíram da atividade agrícola com catorze anos, dois jovens saíram com dezessete anos e um jovem saiu com dezesseis.

	Idade atual	Idade que saiu da atividade agrícola
Entrevistado 1	18 anos	17 anos
Entrevistado 2	24 anos	14 anos
Entrevistado 3	25 anos	14 anos
Entrevistado 4	26 anos	16 anos
Entrevistado 5	27 anos	14 anos
Entrevistado 6	29 anos	17 anos

Quadro 3 - Idade em que ocorreu a saída do jovem da atividade agrícola / Picada Café, abril de 2011
Fonte: Entrevistas realizadas

Conforme Carvalho *et al.* (2009):

Os jovens rurais, geralmente, começam a participar das atividades realizadas na propriedade rural muito cedo, nesse período acontece também um estreitamento das relações dos jovens com sua família onde eles começam a se interar da parte econômica e produtiva da propriedade, assim como, passam a participar das dificuldades que existem nas atividades, muitas vezes, por eles realizadas. Com isso, eles precisam aprender a lidar com as responsabilidades e também criar conceitos ou idéias que venham a melhorar a produção, ou ainda, tentar achar respostas ou ações que venham a minimizar ou resolver eventuais problemas existentes na propriedade (CARVALHO *et al.*, 2009:03).

A citação de Carvalho *et al.* (2009) expressa perfeitamente a situação pela qual os jovens entrevistados enfrentaram. Pois conforme a entrevista realizada, todos os jovens ajudavam nos serviços realizados nas propriedades rurais. Ao ajudar no serviço, o jovem tem um contato e um conhecimento das dificuldades que são enfrentadas na atividade agrícola. Este conhecimento faz com que o jovem desanime com a realidade rural e procure um emprego na indústria calçadista. A prematuridade da saída do jovem da atividade agrícola está relacionada com a idade de admissão das empresas calçadistas. Até o início da década de 2000 as indústrias calçadistas admitiam jovens com catorze anos de idade, mas devido às leis trabalhistas vigentes, atualmente a idade de admissão passou para dezesseis anos.

Indagados sobre sua visão sobre a profissão de agricultor, todos os jovens responderam que é uma profissão pouco lucrativa. Uma jovem da localidade de Joaneta fez a seguinte afirmação: “Não é tão estressante que nem na fábrica [...] mas muito pesado, sofrido.

Além disso, a profissão só traz vantagem em grande escala” (S.M, JOANETA). Conforme Spanevello e Vela (2003 *apud* CARVALHO *et al.*, 2009).

Quando o jovem passa a ter maiores responsabilidades dentro da propriedade rural, em relação aos deveres como agricultor seja ele produtivo, econômico ou social, ele passa a visualizar e sentir as dificuldades que a agricultura familiar tem encontrado ao longo dos anos, em relação à dificuldade de crédito, assistência técnica, etc. A partir do momento que ele se envolve com esses problemas o seu desenvolvimento pessoal se torna mais difícil, pois é nessa fase da vida que eles estão planejando a realização de seus projetos pessoais que muitas vezes são interrompidos pelas as condições que o núcleo familiar se encontra (SPANEVERELLO e VELA, 2003 *apud* CARVALHO *et al.*, 2009:04).

Para não interromper seus planos pessoais, o jovem decide sair da atividade agrícola e buscar um emprego assalariado no qual possa realizar seus projetos individuais. Ficando na atividade agrícola, o jovem trabalhará na propriedade de seus pais e, portanto terá que dividir o seu lucro com a família. Como as propriedades rurais da região de Picada Café são pequenas e com relevo íngreme o jovem terá um retorno insignificante frente ao que poderia ganhar trabalhando num emprego assalariado.

Já na questão que trata do por que dos jovens terem saído da atividade agrícola, a resposta também foi unânime entre os jovens, a questão financeira. Os jovens nas entrevistas realizadas julgam a agricultura como uma atividade pouco rentável e por isso consideram que não vale a pena continuar nesta atividade. Outro fator determinante para a saída do jovem da atividade agrícola, conforme Carvalho *et al.*(2009) é a ansiedade dos jovens em buscar a independência financeira através do trabalho remunerado o que, na maioria dos casos, não acontece quando ele trabalha na propriedade com seus pais.

Segundo Carvalho *et al.* (2009:04) “os jovens brasileiros na faixa etária de 15 a 24 anos, somam 34,1 milhões de pessoas, correspondendo a 20,1% do total da população; em áreas rurais vivem 5,9 milhões de jovens”. Conforme a mesma autora “esses dados mostram que apenas 17,3% dos jovens brasileiros moram na zona rural” (CARVALHO *et al.*, 2009:04).

Mesmo não demonstrando a intenção de ficarem na atividade agrícola, os jovens entrevistados destacaram que o agricultor é uma pessoa muito importante dentro das atividades profissionais. Indagados o motivo pelo qual os jovens consideram o agricultor importante, a primeira resposta foi a produção de alimentos. Conforme uma entrevistada da localidade de Jammerthal: “O agricultor é muito importante. Sem os agricultores não vamos

mais ter o que comer. Se ninguém mais plantar não vai mais ter o que comer” (A.H, JAMMERTHAL). Outro entrevistado, da localidade de Quatro Cantos, respondeu o seguinte: “O setor primário é fundamental para os demais setores” (G.D, QUATRO CANTOS). Diante das respostas dos jovens, percebe-se que existe uma preocupação dos mesmos quanto ao futuro da atividade agrícola devido ao fornecimento de alimentos.

Os jovens entrevistados destacaram que o meio rural é um ambiente muito bom para a moradia, pois se consegue aliviar das preocupações do dia-a-dia, não há violência e todas as pessoas se conhecem. Porém quanto ao trabalho do meio rural, os jovens declararam que esta atividade exige muitos e altos investimentos e o retorno é pequeno e incerto. Segundo uma jovem entrevistada da localidade de Joaneta: “Hoje o trabalho na roça é um risco muito grande. Numa safra podem lucrar muito e na outra perder tudo. Não existe certeza” (S.M, JOANETA).

Certeza é a palavra sinônima da palavra industrialização em Picada Café. Tratando-se de industrialização, Picada Café é hoje uma cidade que absorve grande parte da mão-de-obra de outras cidades tais como Canela, Portão, São José do Hortêncio, Ivoti, Nova Petrópolis. Diante da disponibilidade de emprego, os jovens de Picada Café veem na indústria a oportunidade de uma vida melhor, e com uma renda certa a cada começo de mês. Segue uma citação de uma entrevistada, da localidade de Jammertal, comparando a certeza do trabalho na indústria com a incerteza do trabalho na agricultura: “Porque é mais fácil de ganhar dinheiro. A cada quinze dias a gente ganha dinheiro... na agricultura demora até ter dinheiro. Daí dá uma geada, seca ou granizo e se foi tudo... o serviço na fábrica é certo” (A.H, JAMMERTHAL).

Conforme Brumer (2007 *apud* CARVALHO *et al.* 2009) os fatores motivantes para a saída do jovem da atividade agrícola estão divididos entre os atrativos da vida urbana (que são fatores de atração) e as dificuldades da vida no meio rural e da atividade agrícola (que são fatores de expulsão). Ainda de acordo com Brumer (2007:03 *apud* CARVALHO *et al.*, 2009):

Apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação. Dependendo de como se examina a questão, os estudos sobre a migração de jovens focalizam ora os atrativos no novo ambiente ora os aspectos vistos como negativos no local de origem. Entre os ‘ruralistas’ predominam as análises que apontam antes os fatores de expulsão do que os de atração, como causas da migração (BRUMER, 2007:03 *apud* CARVALHO *et al.*, 2009:04).

Diante da citação acima e com a realização das entrevistas com jovens, verifica-se que no local de estudo, Picada Café, os fatores motivantes para a emigração rural são tanto de atração quanto de expulsão. O fator de atração destacado pelos jovens é a oportunidade de um emprego remunerado, conquistado principalmente no setor da indústria coureiro-calçadista. Com o salário pago pela indústria, o jovem conquista sua independência financeira, e a partir deste momento pode escolher o que irá realizar ou adquirir com este dinheiro. Já os fatores de expulsão destacados pelos jovens, são os altos investimentos que são necessários para que a agricultura dê um retorno razoável, o trabalho pesado, baixo retorno financeiro com uma produção pequena e um terreno muito íngreme e acidentado para a realização de atividades agropecuárias.

Quando indagados sobre o processo de industrialização que ocorreu no município de Picada Café todos os jovens entrevistados analisaram este processo como positivo. Alguns mencionaram que o processo de industrialização proporcionou um avanço tecnológico, outros mencionaram que o município se desenvolveu muito graças á industrialização. Diante destas respostas, pesquisou-se qual a representatividade da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) de Picada Café. Conforme dados do censo de 2005, realizado pelo IBGE, a indústria representava 56,03% do PIB do município. Dentre a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), segundo dados coletados na Secretaria da Fazenda do município, a empresa calçadista Coopershoes Cooperativa de Calçados e Componentes Joianetense Ltda. representa sozinha 70% do volume arrecadado no município.

Diante da representatividade da indústria calçadista no município de Picada Café e os riscos que esta dependência pode gerar, questionou-se os jovens entrevistados se estes voltariam para o meio rural exercendo a profissão de agricultor. Dentre os seis jovens entrevistados somente um jovem mencionou a vontade de um dia voltar a ser agricultor. Frente a este resultado, os jovens entrevistados foram interrogados a mencionar o que para eles seria fundamental para o jovem ficar na terra e ser agricultor. Em primeiro lugar ficou a opção do incentivo do governo quanto a políticas públicas que beneficiem o jovem que quer ser agricultor, em segundo lugar foi mencionada a questão de preços bons na hora de vender, em terceiro lugar ficou a opção da certeza de comercialização, pois muitas vezes o agricultor planta e não consegue vender. Frente às respostas obtidas transparece a resposta de que a agricultura é uma atividade inviável para os jovens. Conforme Carvalho *et al.*(2009):

[...] o histórico de ausência de políticas públicas no Brasil, da dificuldade e insuficiência aos serviços de saúde e educação de boa qualidade, bem como o acesso ao lazer tem reduzido a vontade dos jovens permanecerem vivendo na zona rural. A falta de apoio para a criação de alternativas de trabalho e meios diversificados para a composição da renda aumenta ainda mais essa tendência dos jovens em deixarem o campo, que muitas vezes são incentivados até pelos próprios pais por acreditarem que na cidade terão todas as oportunidades para a concretização dos seus sonhos (CARVALHO *et al.*, 2009:4-5).

Quanto à opção de atividades agrícolas que os jovens gostariam de desempenhar na hipótese destes voltarem para o meio rural e serem agricultores, duas jovens mencionaram a hipótese de se envolverem na atividade leiteira, três jovens mencionaram a hipótese da pecuária, e um jovem mencionou a hipótese da fruticultura.

Dentre as mudanças destacadas pelos jovens dentre a estrutura familiar, todos destacaram a não permanência do jovem na agricultura, além disso, mencionou-se também a redução das famílias que hoje em dia têm menos filhos que em outras décadas. Nas mudanças destacadas quanto a manejo e culturas, os jovens destacaram que os manejos não mudaram muito, pois não é possível introduzir muitas tecnologias devido ao relevo íngreme e ao tamanho das propriedades. Já nas culturas, os jovens relataram que as mudanças são sentidas com a diminuição das lavouras e com o aumento do plantio de acácia-negra. Conforme um jovem entrevistado: “hoje em dia é difícil ver roça com cana-de-açúcar, batata, feijão, aipim aqui no município. Até a produção de leite que era forte diminuiu. Aqui no Jammerthal todas as famílias tinham leite para vender, e hoje não sei se tem quatro ainda” (I.H., JAMMERTHAL). “[...] Com a diminuição das famílias, com a não permanência dos jovens, a alternativa que restou para as famílias que ficaram foi a diminuição da produção e o plantio de acácia-negra” (F. K, QUATRO CANTOS).

Conforme a citação supracitada, a maior mudança na paisagem do meio rural de Picada Café é o abandono das áreas de lavoura, e o plantio da acácia-negra. Conforme uma jovem entrevistada da localidade de Joaneta:

[...] podemos perceber bem a mudança quando olhamos para os morros ao nosso redor. Onde eram as lavouras, hoje está tudo verde com plantação de acácia ou virado em mato. Isto é uma imagem muito triste e preocupante, nosso interior está desaparecendo (S.M, JOANETA).

Todos os jovens entrevistados mencionaram que a agricultura no município de Picada Café decaiu muito, a paisagem mudou, poucos jovens têm interesse de ficar, e que não existe nenhuma perspectiva desta situação mudar.

5.4 FUTURO DAS PROPRIEDADES RURAIS

5.4.1 O Jovem e a Reprodução social da agricultura familiar

Segundo Bertoncello *et al.* (2007), a partir de meados dos anos 70, as mudanças advindas do processo de modernização agrícola impuseram aos agricultores familiares a adoção de novas práticas produtivas e tecnológicas que ocasionaram mudanças significativas em seus processos produtivos e modos de vida baseados na agricultura tradicional.

Segundo Poli (2002 *apud* Bertoncello *et al.*, 2007),

[...] com a modernização agrícola, principalmente a partir da segunda metade da década de 70, a divisão interna do trabalho na unidade agrícola passou a sofrer mudanças, impedindo a reprodução da família nos moldes tradicionais. A exigência de incorporação de tecnologias (máquinas, insumos, etc), visava cada vez mais uma produção voltada para o mercado, o que ocasionou a descapitalização de muitas famílias provocando uma desestabilização na produção agrícola, bem como a existência de excesso populacional, deixando os filhos que cresciam sem alternativas de continuação no campo (POLI, 2002 *apud* BERTONCELLO *et al.*, 2007:07).

Diante deste contexto, nesta monografia entrevistou-se os pais dos jovens que saíram da atividade rural para verificar-se o que acontecerá nestas propriedades no que diz respeito à agricultura familiar. Quando indagados sobre quantos filhos os pais dos jovens tiveram, a média de filhos ficou em quatro filhos por família, porém quando indagados se algum filho dará sequência nas atividades relacionadas à agricultura, a resposta não veio tão rapidamente e somente uma mãe respondeu que um filho seu talvez daria continuidade. Mas a mesma disse que por enquanto este filho ainda está trabalhando em outra atividade, pois na atividade agrícola a remuneração não é tão alta e estável quanto a esta que seu filho está recebendo.

Quando indagados, sobre os motivos pelos quais seus filhos saíram da atividade agrícola a resposta foi unânime em todas as famílias: “ganhar dinheiro mais fácil”. Esta

expressão está relacionada com a facilidade que os jovens têm de trabalhar nas indústrias calçadistas da região, emprego este que não exige investimentos e que todo mês o salário é garantindo.

Diante das respostas obtidas junto aos pais dos jovens fica evidente que o fator renda é importante para a sucessão rural, conforme foi apontado em estudos realizados por Silvestro *et al.* (2001 *apud* Spanevello, 2008:120):

[...] os agricultores que apresentam maiores possibilidades de ter um sucessor no seu estabelecimento são considerados consolidados (capazes de garantir a reprodução da família e também algum nível de investimento e acumulação) e que possuem um valor agregado superior a três salários mínimos por pessoa ocupada. Os agricultores considerados em transição (vivem da agricultura, mas não conseguem realizar investimentos), cujo valor agregado está entre um a três salários mínimos mensal por pessoa ocupada; e os agricultores em exclusão (não conseguem garantir sua reprodução com base nas atividades agropecuárias de sua própria unidades de produção), com menos de um salário mínimo mensal por pessoa ocupada, são os que menos apresentam possibilidade de ter um sucessor (SILVESTRO *et al.*, 2001 *apud* SPANEVELLO, 2008:120).

Frente á esta questão, cinco das seis famílias entrevistadas de Picada Café muito provavelmente não terão sucessor. Diante desta situação, foi questionado junto aos pais o que estes pensam em relação ao futuro da agricultura familiar na região e o que acontecerá com suas propriedades quando estes não tiverem mais condições de trabalhar. Nesse questionamento cinco pais responderam que a agricultura familiar vai desaparecer na região. Porém transcrevo em português o que uma mãe da localidade de Quatro Cantos respondeu em alemão dialeto a respeito desta pergunta: “Todos dizem que a agricultura não terá mais continuidade, porque os jovens não querem ficar. Mas isso pode mudar um dia, se as indústrias calçadistas fecharem” (L.P, QUATRO CANTOS). Diante desta resposta percebe-se que ocorre uma grande dependência em relação aos empregos da região com as indústrias calçadistas, pois estas detêm grande parte da mão-de-obra da região.

5.4.2 O abandono da atividade leiteira e a introdução da Acacicultura

Devido á saída dos jovens da atividade agrícola, os pais relataram que a diminuição da produção é inevitável. Esta diminuição já é percebida, pois quando indagados com quais

atividades agropecuárias os pais já trabalharam todos mencionaram que já trabalharam com a atividade leiteira. Dentre os seis pais entrevistados somente dois ainda produzem leite em sua propriedade. Dos quatro pais restantes, duas mães relataram que vivem da aposentadoria e pensão e que negociaram com um de seus filhos o plantio de acácia-negra na propriedade. Estas duas mães produzem em sua propriedade uma agricultura de subsistência. A quinta mãe entrevistada relatou que as vacas de sua propriedade foram vendidas e que agora viverão do cultivo da acácia-negra na propriedade e a última mãe respondeu que também já trabalhou com a atividade leiteira e que trocou esta atividade pela produção de frangos no método de integração, porém atualmente a empresa integradora não está fornecendo pintos e seu marido está trabalhando também com o cultivo da acácia-negra que possuem na propriedade. Além da acácia-negra também se trabalha com a produção olericultura nesta propriedade.

Para descrever este fenômeno, do abandono da atividade leiteira e o surgimento da acacicultura em Picada Café embasar-se-á nos estudos que Sergio Schneider realizou e descreveu no livro *Agricultura familiar e industrialização: Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul* (2004).

Segundo Schneider (2004) a produção de leite fortaleceu-se na região da Encosta de Serra, nos primeiros anos da década de 1970. Deste fortalecimento de produção leiteira foi fundada em 1967 a Cooperativa Agropecuária Petrópolis, conhecida Piá, e sua sede está situada no município de Nova Petrópolis, junto a serra gaúcha, no Estado do Rio Grande do Sul.

Conforme Schneider (2004)

[...] para muitas famílias de colonos, o leite estabelecia um equilíbrio entre as necessidades alimentares, que dependiam da aquisição externa, e os produtos que eram produzidos nas propriedades. As rendas obtidas com a venda da produção agrícola (feijão, batata, milho, etc.) destinavam-se a investimentos mais vultosos nas propriedades (junta de bois, ferramentas agrícolas) ou que permitiam ampliar o conforto da família (automóvel, eletrodomésticos) (SCHNEIDER, 2004:90).

A citação de Schneider (2004) expressa muito bem a realidade vivenciada pelos pais entrevistados. Conforme as respostas destes pais, nos meses de inverno o sustento das famílias advinha da produção de leite. Já nos meses da primavera era feito o plantio das culturas como milho, feijão e no verão era feita a colheita e a venda destes produtos. Com o dinheiro destas colheitas eram feitos os investimentos necessários ou a compra de bens.

Segundo Schneider (2004), de modo geral pode-se dizer que há três fases distintas na atividade leiteira dessa região: surgimento, expansão e desarticulação. A primeira inicia-se por volta e estende-se até 1960, período em que algumas empresas passam a pasteurizar o leite para comercializá-lo. A segunda fase, que se inicia nos primórdios dos anos 60 e estende-se até o final de 1970, caracteriza-se pela concentração e industrialização do leite na região. A terceira e última fase inicia-se em 1980 e se estende por não mais de cinco anos, quando a produção de leite na região entra em crise e desarticula-se a ponto de, praticamente, desaparecer como produção comercial nas pequenas propriedades.

No caso empírico de Picada Café a produção de leite perdurou até aproximadamente o ano 2000, sendo que a maioria dos agricultores optou por não investir na atividade leiteira e paulatinamente foram abandonando a produção leiteira.

Segundo Schneider (2004),

[...] de todos os fatores que contribuíram para a desarticulação da atividade leiteira nas regiões do Vale dos Sinos e Encosta da Serra, nenhum parece ter tido o impacto que teve o processo de industrialização difusa do setor calçadista. Além da falta de mão-de-obra para trabalhar nas atividades agrícolas, quase totalmente recrutada pelas indústrias e curtumes da região, assiste-se à substituição da agricultura policultora pela acacicultura. A partir de 1980 as indústrias de calçados desenvolvem-se nas pequenas cidades da Encosta da Serra e expandem suas unidades produtivas junto às pequenas comunidades rurais do interior. Esse processo de interiorização e descentralização industrial atraiu grande parte da população rural, resultando no esfacelamento e na desarticulação do sistema produtivo e no modo de vida colonial (SCHNEIDER, 2004:94-95).

A interiorização da industrialização, a qual Schneider (2004) mencionou ocorreu no município de Picada Café com a abertura de filiais de algumas empresas calçadistas que detinham sua matriz nos municípios de Novo Hamburgo e Dois Irmãos. Um exemplo dessa interiorização foi a empresa Brochier S.A. Industria de Saltos e Calçados. A matriz desta empresa ficava em Novo Hamburgo e sua vinda a Picada Café ocorreu em meados da década de 1980. Com a interiorização das empresas calçadistas houve um recrutamento de mão-de-obra de jovens advindos da agricultura.

Conforme Schneider (2004), a perda de trabalho jovem no meio rural não ocorre apenas em função do assalariamento nas indústrias calçadistas da região. A introdução da “acácia-negra”, como principal atividade comercial das propriedades rurais, permitiu uma combinação entre a produção agrícola com o assalariamento de alguns membros da família fora da propriedade.

De acordo com Schneider (2004),

[...] o desenvolvimento da acacicultura, esteve ligado à demanda de couro como matéria-prima para o setor coureiro-calçadista. Esse fato fez com que a área de expansão das plantações de acácia ocorresse na própria região produtora de couros e calçados (SCHNEIDER, 2004:97).

Em Picada Café, o espaço agrícola local destinado à acácia-negra e eucalipto representa aproximadamente 10% do seu território, com 709,65 hectares. Este levantamento foi realizado junto à dados da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA) e o Departamento Florestal de Áreas Protegidas(DEFAP). Na figura 1 visualiza-se a plantação de acácia negra na paisagem de Picada Café, já na figura 2 pode-se visualizar a árvore de acácia negra para o conhecimento da espécie.



Figura 1 - Plantio de acácia-negra
Fonte: A autora



Figura 2 - A acácia-negra
Fonte: A autora

Conforme Schneider (2004),

[...] a acacicultura surgiu como uma excelente alternativa para manutenção da propriedade colonial e para a preservação da paisagem rural, estancando o êxodo dos jovens e garantindo novas formas de obtenção de renda aos agricultores (SCHNEIDER, 2004:100).

Dentro da questão supracitada, quando questionados quais são as preocupações que os pais têm quanto ao futuro da propriedade um pai da localidade de Jammerthal respondeu o seguinte: “Viver com a aposentadoria, não vai dar suficiente” (A.H, JAMMERTHAL). Mas logo em seguida, o mesmo afirmou o seguinte: “A produção na propriedade vai diminuir... a terra vai ficar.. talvez plantar arvorezinhas” (A.H, JAMMERTHAL). Ao afirmar “plantar arvorezinhas” em alemão dialeto, este pai referiu-se ao plantio da acácia-negra. Na figura 3 pode-se visualizar a acácia negra colhida e estocada, pronta para a comercialização.



Figura 3 - Acácia-negra empilhada pronta para vender
Fonte: A autora

De acordo com Schneider (2004), o tempo médio para a colheita da acácia-negra é de cerca de sete anos. Já a lenha da acácia-negra é utilizada principalmente no município de Picada Café nas indústrias calçadistas. Nestas fábricas a acácia-negra é utilizada para esquentar a água através da caldeira, a água em vaporização gera a pressão que possibilita o funcionamento das autoclaves que servem para vulcanizar os tênis produzidos e das demais máquinas (exemplo máquinas de virar vira). Abaixo seguem a figura 4 na qual a lenha de acácia negra chega á indústria calçadista e na figura 5 o funcionário da indústria calçadista abastecendo a caldeira para formação posterior do vapor.



Figura 4 - A acácia-negra chegando à indústria calçadista
Fonte: A autora



Figura 5 - Utilização da lenha de acácia na indústria calçadista
Fonte: A autora

Diante do abandono da atividade leiteira e a introdução da acacicultura, uma mãe da localidade de Quatro Cantos afirmou a seguinte questão:

[...] Na produção de leite precisa-se investir muito em máquinas. Tem que cuidar muito bem das vacas, porque senão as vacas não dão leite. Quando se tem vacas, não se tem final de semana, porque tem que tirar leite de manhã e de noite. Tem que fazer pasto todos os dias, sempre se está em função delas. Já na acácia não, a acácia tu planta e cuida no primeiro ano, para as formigas não destruïrem as arvorezinhas. Depois disso, se espera até poder colher (M.K, QUATRO CANTOS).

Diante desta afirmação entende-se o motivo pelo qual os pais dos jovens optam pela produção da acácia em suas propriedades. Na atividade leiteira o agricultor tem de zelar e cuidar de suas vacas, não podendo sair aos finais de semana, e sempre estando envolvido diretamente com a produção. Na acacicultura existe uma maior liberdade, podendo o agricultor definir os dias que trabalhará nesta atividade e não precisando investir altos valores nesta atividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se investigar os motivos pelos quais os jovens saem da atividade agrícola e os reflexos deste acontecimento na agricultura familiar de Picada Café. Picada Café segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2010 é constituída por 5.182 habitantes com uma área territorial correspondente a 85 Km² e está situada na Encosta da Serra Gaúcha às margens do Rio Cadeia.

A agricultura de Picada Café é representada, na maioria dos casos, por agricultores familiares, num contexto de, aproximadamente, 715 propriedades rurais, que por sua vez, se subdividem em diversas formas de área territorial, entre 0,1 a 30 ha. Apenas seis propriedades rurais locais possuem mais do que 30 ha.

Para enriquecer esta monografia primeiramente foi realizado um estudo sobre o tema da saída do jovem da atividade agrícola, agricultura familiar e juventude rural, o que fez com que se obtivesse um suporte teórico para posteriormente realizar entrevistas com os jovens e com seus respectivos pais.

O instrumento metodológico para desenvolver esta monografia foi a pesquisa qualitativa, utilizando o procedimento da entrevista semi-estruturada. Para a realização das entrevistas foram elaborados dois roteiros de perguntas. O primeiro roteiro foi elaborado para a realização das entrevistas com os jovens e o segundo roteiro elaborado para a entrevistas com os pais dos jovens entrevistados. Através das entrevistas, foi possível alcançar o objetivo geral desta pesquisa.

Investigar as causas que levam o jovem a sair da atividade agrícola e os reflexos deste acontecimento na agricultura familiar de Picada Café, foi um dos aspectos relevantes desta pesquisa. Através das entrevistas com os jovens e de seus respectivos pais articularam-se as perspectivas que os jovens têm quanto ao seu futuro e as perspectivas que seus pais têm quanto ao futuro de sua propriedade agrícola.

É relevante destacar que somente um jovem entrevistado mencionou a possibilidade de voltar para a atividade agrícola dando continuidade à propriedade de seus pais. Diante desta situação percebe-se que as demais cinco propriedades não passarão pelo processo de sucessão rural, processo este que transfere legalmente o patrimônio dos pais aos filhos, fazendo com que estes comandem o negócio familiar.

Não havendo filhos para continuar o trabalho nas propriedades, a agricultura familiar de Picada Café poderá em longo prazo desaparecer. A diminuição das lavouras e as mudanças na paisagem rural, já foram evidenciadas pelos entrevistados. Os pais dos jovens de certa forma não estão preparados para a decadência de suas propriedades. E para diminuir esta percepção de decadência, estão apostando na acacicultura o futuro de suas propriedades.

Os jovens reconhecem a importância do agricultor, da agricultura e do meio rural, mas evidenciaram que o emprego remunerado na indústria lhes garante uma independência financeira e uma certeza de que a cada mês o seu salário é certo e não depende de fatores climáticos e altos investimentos como no caso da agricultura.

Para os jovens entrevistados, o principal motivo de sua saída está relacionado ao fator rentabilidade, pois todos mencionaram este aspecto na realização das entrevistas. O aspecto rentabilidade está intimamente ligado ao processo de industrialização pelo qual o município de Picada Café sofreu. Conforme dados do censo de 2005, realizado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a indústria representava 56,03% do PIB do município de Picada Café. Na indústria, o jovem tem a certeza de um salário fixo, o qual não é afetado por intempéries como acontece na agricultura.

Diante desta questão, o rural brasileiro não pode mais ser entendido como um conjunto de atividades agropecuárias e agroindustriais, pois adquiriu novas funções, em virtude das novas atividades rurais agrícolas e não-agrícolas.

As respostas adquiridas na pesquisa, de certa forma são angustiantes, desta forma, é preciso que ocorra um projeto de desenvolvimento rural no espaço rural de Picada Café, com o objetivo de mudar paulatinamente o rumo dos jovens e fixá-los no meio rural exercendo atividades agrícolas. O projeto de desenvolvimento rural a ser empregado na realidade rural de Picada Café poderá contemplar a diversificação da produção incluindo a produção de fruticultura e olericultura com a introdução de produção de base agroecológica. O projeto de desenvolvimento rural deve ter como princípio o respeito do saber dos agricultores do município.

Esta pesquisa foi árdua, mas ao mesmo tempo gratificante. Quero manifestar que estas foram as minhas interpretações sobre a saída do jovem do meio agrícola em Picada Café, conseguidas através dos relatos das entrevistas realizadas. Evidenciando um problema, assim como uma preocupação que começa a se fazer presente no meio acadêmico em relação ao futuro da juventude rural, tais como o desaparecimento da agricultura familiar, a falta de mão-de-obra no campo, entre outras.

Reconheço que poderão existir outras por isso cada leitor fará a sua interpretação e poderá posicionar-se diferentemente diante das considerações apontadas, ficando assim o convite para que outras pesquisas deem sequência e continuidade a esta temática tão importante na área do desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Juventude rural: ampliando as oportunidades**. Raízes da terra: parcerias para a construção de capital social no campo. Brasília, ano 1, n. 1, 2005.

ABRAMOVAY, Ricardo. Uma nova extensão para a agricultura familiar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. Brasília, 1997. Texto para discussão, 29.

BERTONCELLO, Andressa *et al.* **Juventude Rural, Movimentos Sociais e Subjetividades: compreendendo estas interfaces no processo de reprodução social da agricultura**. Florianópolis: UFSC, 2007. 14 p.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema: Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho/2005:68-80.

BRUMER, A.; PANDOLFO, C. G; CORADINI, L. **Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência, poder. Florianópolis, 2005.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores. IN: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P. Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora da fundação Perseu Abramo, 2005.

CARNEIRO, Maria José. O ideal urbano: a relação campo-cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C.; SANTOS, L.F.C. (Org.). **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus/ Pronex, 1999.

CARVALHO, Daniela Moreira *et al.* **Perspectivas dos jovens rurais: campo versus cidade.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. 14 p.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Apostila Métodos de Pesquisa – Disciplina Derad 005.** Curso de Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural. UFRGS 2008

GUIGOU, Jacques. Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural. In: BRITTO, Sulamita de (Org). **Sociologia da Juventude.** v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

IBGE. **Censo Demográfico 2000.** Disponível em: <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 04 set. 2002.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso: 18 mar. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PICADA CAFÉ. **Diagnóstico do Município de Picada Café.** Programa Sebrae de Desenvolvimento local de Picada Café, 2003.

SACCO ANJOS, F.; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, jun. 2005: 661-694.

SCHNEIDER, Sergio. **Agricultura familiar e industrialização: Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul.** 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

SCHNEIDER, Sergio. Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações na agricultura familiar do Rio Grande do Sul. **Revista Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, 1996: 298-323.

SIQUEIRA, Luisa Helena Schwantz. **As perspectivas de Inserção dos jovens na Unidade de Produção Familiar**. 2004. 125 f. Tese (Mestre) - Curso de Desenvolvimento Rural, Departamento de Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

SPANVELLO, R. M.; VELA, H. A. Os Fatores Limitantes Ao Desenvolvimento Dos Jovens Rurais Pertencentes À Agricultura Familiar Do Município De Nova Palma/RS. **Revista de Pesquisa e Pós- Graduação**, Santo Ângelo, 2003.

SPANVELLO, Rosani Maria. **A dinâmica sucessória da agricultura familiar**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento Rural, Departamento de Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007: 21-23.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1999.

WEDIG, Josiane Carine. **Diversidade cultural, gênero, juventude rural e direitos humanos: reflexões sócio-culturais acerca do mundo rural**. Texto escrito para a Disciplina DERAD008 Agricultura e Sustentabilidade, oferecida em 2008/2. In: DAL SÓGLIO, Fábio; KUBO, Rumi Regina. **Agricultura e Sustentabilidade**. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

Obras Originais

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BREDEMEIER, F.W. **O trilho de transporte na indústria de calçados**. São Leopoldo: Faculdade de Economia do Vale dos Sinos, 1969.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007:35-51.

DURSTON, John. Juventude Rural, Modernidade e Democracia: Desafio para os Noventa. In: **Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone Sul Latinoamericano**. Série Documentos Temáticos. RS. Brasil. Junho/1994.

FAO/INCRA. **Perfil da agricultura familiar no Brasil**: dossiê estatístico. Brasília, 1996.

LAMARCHE, Hugues (Coord.). **A agricultura familiar**: comparação internacional - do mito à realidade. São Paulo: Unicamp, 1993.

MEDEIROS, Leonildes. Trabalhadores Rurais, Agricultura Familiar. **São Paulo em Perspectiva**, 11 (2), 1997.

POLI, Odilon Luiz. Cultura e modo de vida camponês no Oeste Catarinense: as bases para a organização e reação frente à crise dos anos 70. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, SC, v. 16, n. 15:107-175, jun. 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A



Nome do entrevistado: _____

Profissão: _____ Data: _____ Local: _____

Aluna Entrevistadora: Joana Denise Sidegum

Roteiro da entrevista para os jovens

- 1) Qual é sua idade? E qual é sua formação escolar?
- 2) Você tem algum conhecimento de práticas agrícolas? Já trabalhaste em alguma atividade agropecuária?
- 3) Qual é sua percepção da profissão de agricultor(a)?
- 4) Porque optastes em sair do meio rural e procurar emprego na indústria?
- 5) Com qual idade saístes do meio rural?
- 6) Você acha que o agricultor é uma pessoa importante dentro das atividades profissionais?
- 7) Qual é sua percepção do meio rural?
- 8) O que você pensa a respeito do processo de industrialização que ocorreu em nosso município?
- 9) Na sua opinião, o que é necessário para o jovem ficar na terra, ser agricultor?
- 10) Você voltaria para o meio rural, exercendo a profissão de agricultor?
- 11) Se você voltaria para a agricultura, em que ramo você iria optar:
 - () Fruticultura

- Olericultura
- Atividade leiteira
- Acacicultura
- Pecuária(criação de frangos ou suínos).
- Psicultura
- Outros. Quais?

12) Que mudanças você percebe que vêm ocorrendo no meio rural nas últimas décadas, estas envolvendo a estrutura familiar, manejos e culturas, e a paisagem do meio rural de Picada Café.

APÊNDICE B



Roteiro de entrevistas para os pais dos jovens entrevistados

Nome do entrevistado: _____

Profissão: _____ Data: _____ Local: _____

Aluna Entrevistadora: Joana Denise Sidegum

- 1) Qual sua idade?
- 2) Quantos filhos você teve?
- 3) Atualmente quantos filhos trabalham ainda na atividade agropecuarista?
- 4) Na sua opinião, quais são os motivos que levam o jovem a não trabalhar na atividade agropecuarista?
- 5) Na sua propriedade, algum filho dará seqüência nas atividades relacionadas à agricultura?
- 6) O que você acha que vai acontecer com sua propriedade quando não tiveres mais condições de continuar trabalhando nela?
- 7) Na sua opinião, o que é necessário para o jovem ficar na terra, ser agricultor?
- 8) Na sua opinião o que acontecerá com a agricultura familiar da região.
- 9) Quais são suas preocupações quanto ao futuro da sua propriedade?
- 10) Durante sua vida de agricultor, com quais atividades agropecuárias você já trabalhou? E atualmente, o que é produzido na propriedade?

APÊNDICE C

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO****Trabalho de Conclusão de Curso****INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “SAÍDA DO JOVEM DO MEIO RURAL E OS REFLEXOS DESTE PROCESSO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE PICADA CAFÉ” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

“Aceito participar do Trabalho de Conclusão de Curso “SAÍDA DO JOVEM DO MEIO RURAL E OS REFLEXOS DESTE PROCESSO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE PICADA CAFÉ” – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, que tem como objetivo “ Entender as causas da não permanência do jovem no meio rural no município de Picada Café e observar as conseqüências deste fato na agricultura familiar do município.

A minha participação consiste na recepção da aluna “**Joana Denise Sidegum**” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um *Trabalho de Conclusão de Curso* escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e da propriedade para a Publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Picada Café, ____/____/2011